



2ª Série / Nº20 / Edição Semestral / junho 2024 Diretora: Lillian Santos Reis / Edição: Cristiana Martins 100 exemplares MinhoGrafe Lda

## EDITORIAL

### Voluntariado

“Ser um voluntário solidário é uma escolha que nos torna livres; torna-nos abertos às necessidades dos outros, às exigências da justiça, à defesa dos pobres, ao cuidado da criação”. É ser **artesãos de misericórdia** : com as mãos, com os olhos, com o ouvido atento, com a proximidade. E ser voluntário é trabalhar com as pessoas a quem se serve. (...) O mundo precisa de voluntários e de organizações que queiram comprometer-se com o bem comum” – alerta-nos o Papa.

#### **A mais- valia dos associados e voluntários**

O movimento humano e social do Associativismo e do Voluntariado não remunerado e uma manifestação do que de melhor gera a humanidade, o melhor da sua essência, o melhor da sua alma. Esta essência ou alma é, segundo o Papa Francisco, a *Fraternidade*, a consciência e a condição de ser “*uma única humanidade, com caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, (...) cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos*” (*Fratelli Tutti*, 8).

O Voluntariado, nomeadamente ao serviço das pessoas idosas, em situação ou em risco de “solidão” e “abandono”, é uma marca, um sinal distintivo, dessa humanidade e fraternidade universal, o reconhecimento vital da dignidade inalienável da pessoa humana.

Com o movimento precioso do voluntariado conjuga-se uma ampla constelação de outros valores, nomeadamente os da *solidariedade*, da *gratuidade*, da *amabilidade*, que mais não são que categorias da gramática da Fraternidade.

A decisão da dedicação ao voluntariado é motivada pela visão e pela valorização reconhecida no “outro”, que, neste caso, não pode ser visto como adversário ou como inimigo nem apenas como “sócio”, mas verdadeiramente como “irmão”.

O Papa Francisco que, no *capítulo I* da sua encíclica, *Fratelli Tutti*, retrata as sombras (“as tristezas e as angústias”) destas nossas sociedades “enfermas” e “estragadas”, não ignora a luz e o fogo que se acende e se se propaga, sem crepita



ção, no interior das mesmas sociedades, por mediação de inumeráveis “bons samaritanos” que gratuitamente dão resposta “à ânsia de proximidade e de “amabilidade” estampada como “súplica e mandamento”, no “rosto suplicante e imperativo” do pobre, do doente, do migrante, do abandonado, do idoso.

Trazemos à colação estas considerações com o propósito de confessar e declarar o inestimável valor que a Direção reconhece, aprecia e louva na familiaridade, na proximidade, na cooperação e na solidariedade com que os nossos Associados, Voluntários e Benfeitores assumem comunitariamente a causa da nossa Associação.

A nossa Associação precisa, quer e acredita que poderá continuar a contar com a virtude e a boa vontade dos seus estimados Associados, dilatando e dignificando, assim, esta Família do Lar de São Vicente de Paulo, onde os mais frágeis dos seus membros, os doentes e idosos, possam sentir minorada a sua debilidade e o seu desconforto.

A Direção, como voz da Associação, felicita e louva, a boa ação dos seus Associados e Voluntários por contribuírem para assegurar as *condições* de bom funcionamento da Instituição e pelas boas *ações* praticadas para suavizar as dores e ajudar a manter o gosto de viver dos nossos doentes e idosos. Nesse sentido, num gesto de homenagem e de agradecimento aos “bons samaritanos” da AASVP, foi proposto e aprovado em reunião de Assembleia Geral de 13 de abril de 2024, que o dia do aniversário da AASVP – 14 de junho – passe também a ser o “Dia do Associado AASVP”.

## O VOLUNTARIADO COMO PRÁTICA DA «CARIDADE SOCIAL»



O **VICENTE** decidiu dedicar esta sua edição ao tema do **Voluntariado**, especificamente ao Voluntariado numa Instituição de Solidariedade Social.

A primeira questão que, neste caso, como em casos similares, se coloca é a de saber **o que é e para que é o Voluntariado**.

Muitas vezes, a etimologia das palavras pode ser uma boa ajuda e um bom princípio para compreender o sentido do que está em apreço.

Neste caso, é evidente que o vocábulo “Voluntariado” deriva de “voluntas” (vontade).

O Voluntariado é, assim, um movimento, uma atividade e uma ação gerada e decidida pela **vontade**. Mas não por uma qualquer vontade. A vontade que gera o Voluntariado é uma **vontade boa**.

E o que é uma **vontade boa**?

Um grande pensador reconheceu e defendeu que **vontade boa** é sinónimo de **dever**, sendo que, neste caso e neste sentido, dever é a obrigação de agir de acordo com a própria **razão** ou, se quisermos, com a própria **consciência**, isto é, com aquela providencial voz que permite distinguir o bem do mal e que ordena fazer um e evitar o outro.

O Voluntariado não é, pois, uma qualquer atividade, mas uma atividade muito nobre.

No registo em que o colocamos, o Voluntariado é o cumprimento da **regra de ouro** do relacionamento e da convivência humana, que na sua formulação negativa ordena - «**não faças ao outro o que não queres que te façam a ti**» - e, na melhor formulação positiva, ordena - «**faz ao outro o que queres que te fizessem a ti**».

É verdade que o grito do Voluntariado, a sua necessidade e sentido imediatos, advêm dos apelos e estímulos externos, isto é, dos “caídos” nas valetas das estradas da vida e das “feridas” no corpo e na alma, por múltiplas adversidades provocadas, mas não é menor verdade que a nascente é a causa do mesmo Voluntariado é simultaneamente imanente, isto é, dimana de imperativos da razão ou da consciência, tão plenamente singulares quanto universais.

O Voluntariado, cuja nascente é, então, a razão, a consciência e a vontade boa, traduz-se no **sair de si** para ir ao encontro do outro.

Mas este movimento pressupõe uma bem definida **visão do outro**.

É evidente que se o outro for para mim um fígadal inimigo ou um incómodo rival ou, como disse Jean-Paul Sartre, “o inferno” (“o inferno são os outros”) e não “o paraíso” (o paraíso, o reino da fraternidade, são os outros) é impossível gerar-se o virtuoso e promissor movimento de sair de si, de ir ter com ele, de ir ao seu encontro.

A vontade e a decisão de ir ao encontro do outro, de todo o outro, mesmo tendo alguma razão de queixa

contra ele, tem evidentes custos. Digamos que, - evocando uma outra palavra-chave necessária e libertadora do ser humano no mundo - se o outro é para mim “o inferno”, não basta a razão, a consciência ou a vontade boa para ir ao seu encontro, mas impõe-se, como saída do infernal labirinto, a abertura à dádiva sublime da «misericórdia». “**A misericórdia é a derrota do inferno. Supõe frequentemente uma provação heroica. Habita a esperança jubilosa**” (Cardeal Lustiger, *Sê digno da condição humana*, p. 70).

A visão fraterna do ser humano é primordialmente de origem e matriz cristã, fundada no mistério da Encarnação do **Logos** divino e do Mandamento Novo do Amor. Mas a visão do outro como irmão foi subsumida e declinada igualmente na esfera da civilização e da cultura humanas, como a proclamação feita pela dita “mãe de todas as revoluções”, a Revolução Francesa de 1789, eloquentemente demonstrou, ao proclamar a Fraternidade (*Fraternité*) - como princípio regulador, como regra prática, como ideal de vida humana, digna e verdadeira, no mundo.

A Fraternidade, que é a energia primária do Voluntariado, é a chave mestra da Humanidade, a sua fórmula inteligível e resolutive.

É conhecido, mas timidamente reconhecido e assumido, o esforço do Papa Francisco, do Secretário-Geral da ONU e dos grandes líderes religiosos do Islamismo, para promover a assunção e a realização deste ideal redentor da Humanidade - a FRATERNIDADE - que, reiteramos, é a nascente e o horizonte do VOLUNTARIADO.

Vemos o VOLUNTARIADO como prática da «CARIDADE SOCIAL».

É possível e natural que haja quem torça o nariz à expressão «**caridade social**», presumindo que a “caridade” é do domínio do religioso, ao passo que o “social” é do domínio do profano. Mas também há quem pense, e bem, que “**o domínio da política é o campo da caridade mais vasta: a caridade política**”.

Esta designação, que figura, como é sabido, em 2020, na profética carta-encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti* (nº 180), aparece como citação de um discurso de Pio XI à Federação Universitária Católica Italiana, em 18.12.1927.

A “caridade social” não é dever específico dos crentes, mas um imperativo próprio e comum de todo o ser humano. Um grande teólogo português, dos maiores, Frei Bento Domingues O.P., não se cansa de recordar que, no tribunal da Consciência, da Humanidade Como sabemos, esta foi a pergunta que, *no princípio*, Javeh, Deus de Abraão, de Isac e de Jacob e, sobretudo, Deus de Jesus Cristo, fez ao fraticida Caim:

«**que fizeste ao teu irmão**» (cf. Gn 4).dade e da História, só uma pergunta será feita a cada um: “**que fizeste ao teu irmão?**»



Curiosamente, foi também esta inquietante interrogação que o nosso admirável e memorável “profeta social” Alfredo Bruto da Costa escolheu para título da sua obra sobre a pobreza e a exclusão social, que a morte do autor quis que ele deixasse incompleta (*Que fizeste do teu irmão*).

*Um olhar sobre a pobreza no mundo*, 2021). A ele e a Maria de Lurdes Pintassilgo se ficou a dever a criação do RSI (Rendimento Mínimo Garantido) e o Secretário-Geral da ONU, António Guterres, recordou, no prefácio da obra, a convergência da visão e da ação de Alfredo Bruto da Costa com o primeiro dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU – **a erradicação da Pobreza**.

É evidente que esta pergunta - «*Que fizeste ao teu irmão?*» - só tem sentido para aquele que reconhece o outro como irmão e o trata como tal. Um excelente professor de Cultura Clássica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o jesuíta Pe. Manuel Antunes, numa essencial síntese antropológica, dizia aos seus alunos que podemos ter e assumir perante o outro três visões e atitudes, considerando-o como “inimigo”, como “rival” ou como “irmão”.

Evocando um dos três princípios proclamados pela «mãe de todas as revoluções», a Revolução Francesa de 1789, o princípio da «*Fraternité*», verificamos que a visão fraterna da Humanidade não é apenas um artigo do Credo e do Código de conduta dos crentes, em geral, ou dos cristãos, em particular, mas reconhecimento e imperativo de todo o ser humano.

O Voluntariado, o Trabalho Voluntário, nomeadamente numa IPSS, não é um meio de «convívio» ou de «lazer», mas uma «obra de misericórdia», de necessidade de respiração do coração. No Trabalho Voluntário, purificado de qualquer interesse material ou psicológico, mas enformado pela pura gratuidade, conjugam-se o impulso da generosidade do prestador do serviço gratuito com a necessidade suplicante do carenciado de socorro e de auxílio.

A vontade de ser Voluntário não se processa e realiza, pois, em circuito fechado, mas em correlação com a necessidade dos destinatários do Voluntariado. Que as IPSS, como território prioritário da incidência e realização do Voluntariado, carecem absolutamente da dádiva do tempo, da boa vontade, da generosidade e da amabilidade é uma evidência e premência absolutas. O Voluntariado é um complemento necessário da ação dos Colaboradores diretos da prestação de serviços aos Utentes.

Perscrutando a razão primeira e última do Voluntariado, talvez tenhamos de reconhecer que ela se encontra na Consciência do ser humano ou, como re-

conhece o pensador, filósofo e teólogo Joseph Ratzinger/Bento XVI, naquela «insatisfação do conhecimento que precede qualquer especialização»(1993). Para o físico russo Andrei Sakarov, evocado por Ratzinger, «*a responsabilidade de cada um pelo todo é a razão de ser da sua vida*» (p. 15).

Em síntese.

O VICENTE decidiu dedicar esta sua edição ao tema do VOLUNTARIADO, pelas razões aduzidas e que, em síntese são as que sumariamos.

1º. Em geral, o Voluntariado é reconhecidamente o ponto de apoio arquimediano das Instituições de Solidariedade Social. Sem ele, colapsaria o edifício monumental destas Instituições e com ele ruiria um pilar estruturante da sociedade humana. É neste “ponto de apoio” que se sustentam as Instituições que permitem e garantem as condições de vida de uma parte substantiva das pessoas e das famílias que integram e constituem as nossas sociedades. O Voluntariado é uma necessidade, mas é também um sinal e uma demonstração da possibilidade e da dignidade da vida do ser humano à face da Terra.

2º. Reconhecemos que o Voluntariado é uma condição essencial, *sine qua non*, da sustentabilidade material e imaterial das Instituições de Solidariedade Social.

3º. Temos consciência e apraz-nos recordar que o Voluntariado exercido na nossa Instituição é em todas as Instituições ao serviço dos carenciados de pão e de coração é um sinal e uma prova do que verdadeiramente é e do que de melhor é capaz o ser humano, “criado à imagem e semelhança de Deus”.

4º. Inspira-nos, conforta-nos e anima-nos recordar que o Voluntariado que se pratica no nosso Lar, e vemos, com agrado e admiração, ser praticado na nossa sociedade portuguesa, em múltiplas ocasiões e situações, é motivo de orgulho, também porque o reconhecemos enxertado numa frondosa árvore e

inserido numa esplendorosa corrente de generosidade que dignifica o povo português. Referimo-nos à instituição das **Misericórdias**, cuja inspiração e criação sabemos associadas ao nome da rainha D. Leonor (1458-1525), irmã do rei D. Manuel I, viúva de D. João, e à data de 1498, o ano memorável da chegada de Vasco da Gama à Índia.

5º. Com a edição deste número do nosso VICENTE, dedicado ao VOLUNTARIADO, a Direção, como representante da Associação, reconhece, felicita e louva a **vontade boa** e as boas «**obras de Misericórdia**», *corporais* e *espirituais*, que os seus Voluntários solidária e generosamente praticam, para assegurar as condições da prestação dos melhores serviços possíveis aos seus Utentes, absolutamente necessários para suavizar as suas dores e ajudar a manter o seu gosto de viver, apesar das suas enfermidades e naturais e sociais fragilidades.

JMF



## UM MILITANTE DA «CARIDADE SOCIAL» - FREDERICO OZANAM



“Frederico Ozanam, com apenas 20 anos, fundou, com seis companheiros, as Conferências de São Vicente de Paulo, após a célebre intuição «**Vamos aos pobres!**». Combateu as injustiças sociais com a caridade, afirmando que nenhuma sociedade podia aceitar a miséria como uma fatalidade e com o avançar da idade, já gravemente doente, incentivou as Conferências ao combate a todo o tipo de pobreza e à luta pela justiça social. Faço eco deste seu pensamento: «**A caridade é o Samaritano que deita óleo nas chagas do viajante atacado. Cabe à justiça prevenir os ataques.**”

Fernanda Capitão, *Boletim Português da SSVV*, Março-Abril 2024).

### Damos a palavra às nossas Voluntárias

O Voluntariado é uma necessidade e uma condição essencial da sustentabilidade de uma Instituição Particular de Solidariedade Social – IPSS.

“O Vicente” abordou as nossas atuais Voluntárias com as seguintes questões:

- Na sua opinião, qual a motivação ou razão de ser determinante do serviço voluntário?
- Como justifica e avalia a colaboração do seu trabalho voluntário na nossa Instituição?
- Acha que qualquer pessoa pode ser voluntária? Qual o perfil ideal de um voluntário?
- Em seu entender, o que impede que não haja mais voluntários?

### Maria da Conceição Lopes Fernandes - Voluntária na AASVP desde 2012



“A motivação ou razão de ser do serviço voluntário, é dar, a quem se serve, neste caso ao idoso, atenção, carinho e principalmente saber ouvir.

O idoso gosta de conversar, de dar a mão, tendo alguém só para si, com simpatia e atenção, nota-se felicidade e carinho no olhar.

É difícil justificar e avaliar o meu trabalho na AASVP. O que aqui faço é algo que sai conforme a necessidade do momento dos idosos e me dá sempre muita felicidade.

Qualquer pessoa pode ser voluntária desde que no seu coração e na sua vida, sinta a necessidade de dar aos outros a sua companhia, o seu carinho, sentir a felicidade deles e a sua ao dar o melhor de si. Principalmente adorar o que faz.

Penso que a maior parte das pessoas não conhece a sensação de ficar com o coração cheio ao sentir o amor e o carinho que o idoso nos dá, a alegria com que nos recebe.

Não consigo exprimir por palavras esse sentimento.

Os órgãos de comunicação social, deveriam chamar a atenção desse trabalho tão belo e tão necessário”

### Jucieli Fernandes de Abreu – Voluntária livre na AASVP em 2024

“Na minha opinião a maior razão determinante de fazer um trabalho voluntário é o amor ao próximo, uma forma de retribuir a Deus todas as bênçãos recebidas. Penso que o trabalho voluntário é mais gratificante para quem o faz do que para quem o recebe, é uma sensação de felicidade tão grande em estar podendo ajudar que em palavras não consigo definir o quanto sou feliz e realizada em poder ser voluntária. Todos podem ser voluntários, cada um com seu talento, amor e comprometimento, é preciso saber que é um trabalho onde pessoas dependem e precisam de você, onde o amor é o maior e melhor salário que possa ser pago. Muitas pessoas ainda não conhecem e não sabem como ser voluntário, sugiro mais falado e mostrado o quão é importante e lindo esse trabalho, onde o amor prevalece



que seja sempre.”

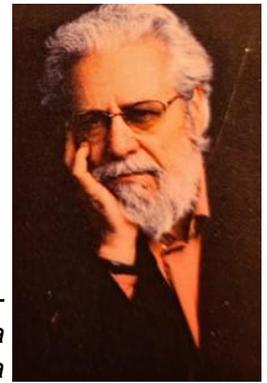
### ANIVERSÁRIOS

O Vicente deseja um feliz aniversário, com saúde, paz e alegria a todos os Associados, Colaboradores e Residentes do Lar de S. Vicente de Paulo que festejaram o seu aniversário neste primeiro semestre de 2023, de forma muito especial aos membros da Direção da AASVP. Eng. Helena Cohen em 03/02, Dr<sup>a</sup> Lillian Santos Reis em 04/03, D. Maria de Fátima Gonçalves de Carvalho em 16/03, Dr<sup>a</sup> Maria José Gomes em 21/03, Dr. José Marques Fernandes em 05/05 e Sr. Augusto Ferreira Lopes em 20/05.

Recordamos especialmente o aniversário natalício da nossa co-Fundadora, a Senhora D. Maria Amélia de Oliveira e Sá, em 14/06, data da fundação da nossa Associação e da Associada da primeira hora, Senhora D. Olívia Leite, neste mesmo dia.

## ESCUTANDO...

O Pensador e Ensaísta, Associado e Benfeitor da AASVP,  
**Doutor Manuel Reis**



## ECONOMIA SOCIAL E INSTITUIÇÕES DE SOLIDARIEDADE

Pela sua ligação à vida e atividade da nossa Associação, desde longa data, pelo conhecimento e proximidade que teve com os Fundadores, e tendo em consideração a sua condição de diligente e esforçado pensador das ideias e fenómenos sociais, quisemos escutá-lo sobre a problemática desta edição do nosso VICENTE, o **Voluntariado**, e sobre a contextualização deste virtuoso movimento de solidariedade social.

**VICENTE** – Obrigado, amigo Doutor Manuel Reis, por ter aceitado partilhar connosco a sua visão sobre as Instituições de Solidariedade Social. É certo que neste nosso colóquio, aborda outros temas de atualidade e acuidade política e social, que poderemos inscrever em próxima edição. De momento, a primeira pergunta é sobre a visão que tem destas Instituições, da sua *ratio essendi* e da atividade que realizam.

**MANUEL REIS** – “Como é sabido, no campo da grande economia ou da “Great Society” competem três setores: público, privado e social. Os Lares, as Instituições de Solidariedade Social e o Voluntariado que nessas Instituições se pratica inserem-se nesse Terceiro Setor, o da Economia Social. As ações e atuações que neste campo se exercem assumem muitas formas, mas todas subordinadas a um fim essencial: a vontade/desejo de fazer/praticar o Bem, de modo a corresponder às necessidades e carências dos utentes, isto é, do próximo ou irmão”.

**VICENTE** – Sabemos que o Doutor Manuel Reis é um defensor daquela forma de organização económica e social chamada Cooperativismo. Porquê?

**MANUEL REIS** – “O nome que sobre esta temática é de evocação obrigatória é o do pensador e ensaísta António Sérgio (1863-1969), que a esta matéria dedicou 8 estudos. Pela minha parte, como advogado desta forma de economia, devo dizer que lhe dediquei duas obras: *A Economia do Dom* (1963, inédito) e *Em Demanda de uma Economia do Dom* (C.E.H.C., Edicon, 1963).

Aprenda-se e aprofunde-se o **Cooperativismo** de António Sérgio, com quem eu trabalhei na SEDES e em trabalhos de campo, na década de 60 do séc. XX, enquanto assistente episcopal da JUC. Ao mesmo tempo, alarguem-se as áreas objetivas e subjetivas do Cooperativismo sergiano, a partir da base para o topo, o qual constitui a via, por excelência, socioeconómica, individual-pessoal, mais séria e fecunda. En-

quanto *Doutrina Social*, por excelência, o Cooperativismo leva uma vantagem suplementar: a sua base são os *Indivíduos-Pessoas*, os múltiplos, e não os poucos ou unos que – via de regra – se acoitam no vértice da pirâmide!...

Neste mesmo horizonte, aprofunde-se essa autoestrada da chamada **Economia do Dom**, que, ao indicar que o universo da Terra é pertença de todos os humanos e restantes seres vivos, não deixa enriquecer ninguém indevida e fraudulentamente; que é a baliza ou enquadramento que assegura a saúde climática e ambiental e ecológica do Planeta, bem como a fecundidade do Planeta Terra e que mantém e assegura uma boa e adequada relação entre os **Sujeitos humanos e os Objetos**”.

**VICENTE** – Como é sabido, o paradigma da Economia Social, cuja matriz é o Bem Comum, compete com o paradigma da Economia Capitalista ou do Liberalismo Económico, cuja matriz é o lucro. Como equaciona e avalia estes paradigmas económico-sociais incomensuráveis?

**MANUEL REIS** – “É verdade. São paradigmas societários incomensuráveis. Ainda há pouco, li em *Le Monde Diplomatique* (Março 2024), que no Sistema Capitalista “é apenas servida uma justiça ao serviço das multinacionais e do crescimento da riqueza dos donos do capital”, sendo que, na lógica deste sistema, o princípio da Justiça e a primazia das pessoas não têm lugar. A “justiça privada” que em tal sistema se pratica tem apenas como escopo “facilitar a circulação dos capitais”.

**VICENTE** – Recentrando-nos no tema do Voluntariado Social, importa perscrutar o princípio ou virtude que estão na sua génese e atividade. Que pensa o Doutor Manuel Reis sobre este movimento virtuoso do Voluntariado?

**MANUEL REIS** – “A virtude da **Solidariedade**, que é, desde sempre, uma virtude eminentemente social, é, na sua substância, uma virtude, cuja fons et origo é a existência do Uno e do Múltiplo inteligentes, sábios e cultivados. Caracteriza-se por duas faces, a **simpatia** e a **empatia**, ativas e passivas, reciprocamente. Não haverá **coesão social** – nas humanas sociedades inteligentes e adultas – sem as práticas porfiadas da **Virtude da Solidariedade!** [...]do Mundo societário. De acordo com essa tal *Weltanschauung*, os Seres



Manuel



Lurdes



Kéreny



Matilde



Rosa



Arlinda



António



Diamantino



Felicidade



José



Lucinda



Natividade



Graça



Guilhermina



Alice



Elisa



Florinda



Conceição



Domingos



Carmen



Maria



Francisco



Conceição



Delfim



Teresa



Ana



Josefina



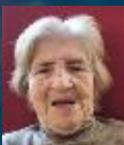
Manuel



Conceição



Ema



Maria



Joaquim



Amália



Arnaldo



Sameiro



Maria



Patrocinio



Odete



António



Delfim



Amélia



Lucianne



Giane



Renata



Pricila



Marcelina



Katucha



Suelen



Nice



Patricia



Raiana



Emília



Augusta



Sandra



António



Lídia



Amanda



Ana Isabel



Alessandra



Chantal



Luís



José Carlos



Maria



Cíntia



Ana Bela



Fernanda



Patricia



Sofia



Paula



Paulo



Domingos



Cristiana



Mariana



Nuno



José



Maria José



Lillian



Augusto



Fátima



Helena



João

# Família AASVP

*Humanos-no-mundo sabem que têm a sua via desbravada e sem enganosa! As suas balizas encontram-se já, de antemão, constituídas: Solidariedade – Cooperação – Cooperativas, que postulam e incluem uma Aprendizagem praxica da vida. Assim, tais Seres Humanos constituir-se-ão como a Vanguarda que vai rasgando o seu Caminho, coletivo e individual. Quem atua segundo as Regras da sua própria Natureza, não carece de qualquer justificação suplementar!”*

**VICENTE** – Considerando a existência de dois paradigmas económicos, o liberal e o social, a Solidariedade é exclusiva do sistema social ou pode verificar-se também no sistema liberal?

**MANUEL REIS** – “**A racionalidade humana**, que tem o seu lugar, por excelência, no Terceiro Setor da Economia, isto é, a Economia Social, não é, substantivamente, diferente das racionalidades dos outros setores. As Sociedades humanas são, ou deverão ser, eminentemente racionais, por direito natural, que lhes é insito. A Solidariedade social pode caráter ou natureza. Eis porque as características estruturantes da Solidariedade social humana a tornam a Virtude humana e a barbárie não podem ter aí lugar. Desta sorte, teríamos uma Sociedade Humana a caminho seguro da perfeição, regida, ordenada e orientada segundo a gramática do «**Homo Sapiens Sapiens**», cujo paradigma específico procede do «**Homo de Cromagnon**», detentor de mais 45 milímetros de massa encefálica, em confronto com o «**Homo de Neanderthal**»”

## ESTÓRIAS DE VIDA COM...

### D. Natividade Pereira

#### Memórias de uma candidata a centenária...

No álbum atualizado do nosso Lar, figura o rosto, sempre luminoso dente, de Dona Natividade Pereira, decana dos nossos Utentes, feliz candidata à celebração centenária de nascimento, no próximo dia 1 de janeiro de 2025. Como a decisão da jubilosa celebração está «na mão de Deus, na sua mão direita», ainda não encetámos os preparativos para o desejado jubileu, que muito nos apazaria celebrar.



A vida de cada um de nós é tecida simultaneamente pelo desejo e vontade dos nossos “eus”, mas também por força das circunstâncias que a tecem.

A Dona Natividade é uma transmontana castiça, natural da vila de Vidago, onde nasceu, no dia 1 de janeiro de 1925, e onde exerceu, durante 61 anos, a sua atividade de comerciante, como proprietária de uma Sapataria e de uma Papelaria.

Para abastecer a sua loja, nomeadamente a Sapataria, deslocava-se regularmente às fábricas de Felgueiras, acompanhada por um dos seis irmãos que teve.

Como cuidou das sobrinhas, e também afillhadas, filhas de um irmão, emigrado em Angola, era por elas sempre e carinhosamente tratada por «Madrinha Natividade».

Devido à “emigração” da terra natal e dispersão de todos os seus irmãos, quando chegou a hora de cessar a sua vida ativa profissional, acabou por ser o seu irmão a viver em Braga a cuidar de encontrar, para a mana o desejado “porto” de acolhimento e recolhimento, que veio a ser o Lar de São Vicente de Paulo, onde ingressou, no dia 25 de novembro de 2019, há quase cinco anos.

É certo e sabido que “lidar” com as circunstâncias do acolhimento num Lar, no quarto minguante da vida, não é coisa fácil, sobretudo quando a pessoa goza ainda de elevada autonomia e lucidez, como é o caso notável de Dona Natividade.

Como veremos, o caso da reconciliação de Dona Natividade com as circunstâncias do seu acolhimento e da sua vivência no nosso Lar é mesmo notável e admirável.

Gozando, felizmente, de notável autonomia e grande lucidez, por um lado, e dotada de grande sensibilidade e compaixão perante a dependência, fragilidade e doença de muitos dos Utentes com quem se cruza e convive nos espaços públicos do Lar, é para ela custoso e penoso passar muito tempo nestes espaços, ainda que animados por frequentes e saudáveis atividades. Por isto, Dona Natividade prefere o recolhimento do seu quarto e nele fazer os “TPC’s” que lhe são propostos e que assume com extraordinário entusiasmo e perfeição.

Mas, reconhecendo que a sua presença pode ser benéfica junto dos outros, apaz-nos registar, pedindo desculpa pela inconfidência, a “promessa” que fez de passar quinze dias inteiros e ininterruptos em conjunto com todos, nos lugares públicos de estar e conviver.

Dos tais “TPC’s”, os de pintura são os que mais lhe agradam e ocupam. Mas há um outro que julgamos muito valioso e estimável: o de correspondente delegada do nosso Lar no Projeto “POSTAL AMIGO”, uma iniciativa e atividade que teve origem no tempo da Pandemia da COVID-19 (2020-2022) e que consiste no intercâmbio de postais ilustrados pelos correspondentes, com interessantes mensagens e comunicação entre as Instituições participantes, à qual o nosso Lar aderiu e que mantém em atividade, com a intermediação diligente e ativa da Dona Natividade, que não deixa um Postal sem a devida e ilustrada resposta.

Por estas e muitas razões, quisemos ter, para esta edição do nosso VICENTE, uma desejada e apazível conversa com a nossa querida Dona Natividade, conversa que aconteceu, ao fim do dia 17 de maio, nos seus aposentos, enquanto aguardava a hora do seu jantar.

**VICENTE** – Dona Natividade, o nosso Lar tem o gosto de a ter como utente, desde o dia 25 de novembro de 2019, há cerca de cinco anos. Sendo uma transmontana, natural da vila de Vidago, a nossa primeira curiosidade é a de saber como veio parar ao Baixo Minho e a este nosso Lar.

**DONA NATIVIDADE** – *“Tinha 89 anos de idade e 61 anos de atividade profissional na Sapataria e Papelaria, que herdámos de nossos pais e a cuja atividade eu dei continuidade, considerando que os meus irmãos emigraram para África. Tinha 4 funcionárias, 3 na Sapataria e 1 na Papelaria. Com os 89 anos de idade e os 61 de atividade, chegou naturalmente a hora de parar. Fechámos as lojas, as funcionárias foram para casa e eu fiquei sozinha, devido, como disse, à emigração e dispersão de meus irmãos. Foi então que o meu irmão António me trouxe para Braga e procurou, com a minha concordância e o meu desejo, uma casa de acolhimento, onde me sentisse bem. Inscreveu-me neste Lar de S. Vicente de Paulo, para onde vim, logo que houve a vaga, que eu queria”.*

**VICENTE** – Que memória e saudade guarda, lá de Vidago, a sua terra natal, onde exerceu, durante tantos anos, a sua atividade de comerciante?

**DONA NATIVIDADE** – *“Como dei continuidade à atividade de meus pais e melhorei as Lojas em que exerci a minha atividade durante 61 anos, tenho naturalmente saudade daquela casa, grande e bonita, onde trabalhei e onde gostava de viver. Como nenhum dos meus irmãos, que éramos sete, nem sobrinhos quiseram ficar com a casa, acabámos por vendê-la. Os meus pais morreram cedo, a mãe com 56 anos e o pai com 59. Quatro dos meus irmãos foram para África (Luanda, Angola), de onde regressaram, como Retornados, após a Independência. A sua atividade lá era do género da minha, a atividade comercial. Regressando, um fixou-se em Cascais, dois no Porto e um em Braga”.*

**VICENTE** – Certamente que, durante a sua vida, na sua terra natal, não imaginou que, um dia, seria acolhida numa casa de repouso, nesta cidade de Braga. Que pensa por isto lhe ter acontecido e como se sente a viver nesta nova situação, com os seus aspetos positivos e negativos?

**DONA NATIVIDADE** – *“Sinto-me muito feliz. Não vejo nada de negativo. Foi para mim uma alegre surpresa poder estar aqui. Claro que o ideal era estar na minha terra, mas como já não tinha lá ninguém da minha família, esta foi uma boa solução. Não me custa nada estar aqui. Não tenho tempo para estar triste, porque estou sempre a trabalhar. Os “TPC” que me dão, de pintura de lindas figuras e da correspondência que tenho de manter, ocupam-me o tempo todo. Nunca estou quieta. Tenho muito trabalho e tratam-me bem”.*



**VICENTE** – Sabemos que exerce no nosso Lar a função de correspondente do projeto «**Postal Amigo**», a que a nossa Instituição aderiu, no tempo da Pandemia da COVID-19. Que nos pode dizer sobre esse projeto e sobre a sua experiência de correspondente?



**DONA NATIVIDADE** – *“Esta atividade que a nossa Diretora Técnica, a Dr.ª Mariana, me incumbiu de fazer dá-me mesmo muito trabalho. É uma atividade muito trabalhosa! Ela entrega-me toda a correspondência e sou eu que tenho de abrir as cartas, fazer a sua leitura e responder a tudo. Como os «postais» e cartas vêm primorosamente ilustrados, eu tenho de enfeitar também os que remeto (e mostra um envelope cheio de enfeites, para decorar a correspondência). Sou eu que recebo e respondo a todas as cartas. Quando tomei conta do projeto, a correspondência era pouca, mas foi crescendo cada vez mais e agora começo a ter dificuldade de responder a tudo. Já disse à senhora Dr.ª Mariana que encontrasse outra pessoa, mas ela diz-me que não consegue. Como recebo mensagens de jovens, os conselhos que lhes dou é que sejam bons estudantes, porque tirando bons cursos terão condições para ter uma vida boa e, sobretudo, para serem muitos felizes e se não estudarem poderão ser infelizes. Entre as atividades que desenvolvemos, conta-se também a história de «**O Rouxinol**», contada num sem fim pelos participantes no projeto «Postal Amigo». E como me contam o que se passa nas suas instituições, eu também lhes conto as atividades que fazemos no nosso Lar.”.*

**VICENTE** – Como imagina a celebração centenária do seu próximo aniversário, que todos aguardamos com jubilosa esperança, bem como os seus sobrinhos e sobrinhos-netos?

**DONA NATIVIDADE** – *“Não sei porquê, mas não penso nem me preocupo com a idade que tenho. Sinto-me como se tivesse 50, 60 ou 70 anos. Gosto de trabalhar e de transmitir o meu ânimo e a minha alegria aos outros. Na mensagem do «Postal Amigo», que recebi de uma senhora da Austrália, ela confessava-me que se sentia desanimada porque tinha tirado um curso profissional e não arranjava emprego. Eu confortei-a, felicitando-a por ela ter tirado o curso e dizendo-lhe que iria certamente encontrar o emprego que procurava. A velhice não me preocupa, porque o trabalho que faço não me deixa tempo para pensar na idade.*

*Deu-me riso o que uma senhora, de uma Instituição, me disse, queixando-se do que ouvia dizer dos velhos: «que não prestam para nada»! Claro que, ela e eu, discordamos desta opinião! A verdade é que os velhos valem muito, pela experiência da vida e pelo testemunho que transmitem aos mais novos, que muito podem beneficiar dessa experiência e sabedoria acumuladas.*

*Por outro lado, lamento que as pessoas se deixem decair e vencer pelos incómodos que a velhice lhes traz. Eu sou teimosa, trabalho e continuo a fazer a minha vida. Chamam-me a «Rainha dos 99 anos» e dizem-me: «Quem me dera ter a idade da Dona Natividade e a vitalidade que ainda tem». Procuro dar bons conselhos e animar as pessoas, embora haja quem não os escute. O que eu sei é que a atividade dá vida. Agradeço a Deus a vida e as forças que me tem dado para viver”.*

## O QUE ANDÁMOS A FAZER CÁ POR CASA ... apenas alguns exemplos

### “Natal com histórias”



No dia 21 de dezembro de 2023 recebemos a visita da Câmara Municipal de Braga—Pelouro da Inovação e Coesão Social— iniciativa **“Natal com histórias”** que, em colaboração com a **“Antena Minho”** e o **“Correio do Minho”**, lançaram este projeto cujo objetivo é **“enaltecer o que de bem se faz, através da rede de parceiros existentes no Município, no âmbito da terceira idade”**.



Fomos **“entrevistados”** e pediram-nos para partilhar as nossas memórias alegres de Natal: iguarias, a grande alegria com que a época era vivida!



### “HORA DO CONTO”

Esta iniciativa que se realiza semanalmente é promovida pelo Núcleo DC Rota Solidária do Rotary Clube Braga Norte, no âmbito do seu Projeto de Animação para Sêniores. Em 50 edições conhecemos muitas pessoas com quem aprendemos **“contos”** e **“cantos”**.



### Visita Pascal, Via Sacra e Via Luminosa

Como sempre a componente espiritual e religiosa foi respeitada, para todos os que quiseram participar nas comemorações de Quaresma.



### E tantas, tantas outras atividades...

- O Grupo CDCR/CTT
- 1º Agrupamento de Escuteiros da Sé
- Academia de Música Senior
- Jogos tradicionais
- Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

